

mundo

Brasil comanda força contra piratas no mar Vermelho em conflito

Almirante afirma que o crime voltou à região depois de início do conflito entre houthis, EUA e seus aliados

Igor Gielow

SÃO PAULO A Marinha do Brasil assumiu o comando de uma força-tarefa multinacional contra a pirataria na região do mar Vermelho e golfo de Aden, o mais sensível teatro secundário da guerra entre Israel e o grupo terrorista palestino Hamas, onde rebeldes houthis do Iêmen atacam navios mercantes e militares. Trata-se da CTF (Força-Tarefa Combinada, na sigla inglesa) 151, 1 das 5 em operação sob o comando das CMF (Forças Marítimas Combinadas) —maior coalizão naval do mundo, surgida em 2001 para lidar com pirataria, terrorismo, crimes transnacionais e ameaças à navegação no golfo Pérsico, mar Vermelho e águas adjacentes. O CMF tem sede no Bahrein e se apara em resoluções da ONU. O contra-almirante Antonio Braz de Souza recebeu o comando rotativo da força de seu antecessor filipino no dia 23 passado. É a terceira vez que o Brasil tem a missão, que dura de três a seis meses. Mas em nenhuma das ocasiões anteriores, em 2021 e 2022, a situação era tão tensa e perigosa. “A CMF é uma coligação de interesses, não prescreve nível específico de participação de qualquer membro e seus elementos subordinados, como a CTF-151, e não pode participar em conflitos armados”, diz o almirante por escrito à Folha. O cenário atual, contudo, mudou isso na prática. “Um navio dessa CTF pode efetuar procedimentos para a sua autodefesa ou, de acordo com a ONU, também tem a pos-

sibilidade de defender embarcações de seu país contra ataques, incluindo aqueles de navegação”, afirma. Neste caso, contudo, a ação seria considerada uma iniciativa da Marinha operando o navio. Hipoteticamente, se um míssil ou um drone houthi forem disparados contra uma das embarcações da CTF-151, hoje uma japonesa e outra sul-coreana, ou ainda contra um cargueiro próximo delas, elas são livres para abatê-las. Além dos riscos inerentes à guerra, Braz de Souza deverá ter trabalho extra. “Nos anos mais recentes, ilícitos como tráfico de drogas, de armas e de seres humanos vinham sendo mais frequentes do que a pirataria, que, de um modo geral, encontrava-se suprimida na área de operações da CTF-151”, conta. “Porém, a partir do início do corrente conflito no Oriente Médio, têm sido verificados diversos incidentes de pirataria, não apenas nas proximidades da costa da Somália, mas também em locais situados a mais de 1.000 km dessa região, no mar Arábico”, relata o militar. O caso mais recente ocorreu perto da costa da Somália, numa ação da Marinha indiana. Os próprios houthis sequestraram um cargueiro em novembro passado, em uma ação ousada e inédita em que empregaram um helicóptero com tropas. Além dos dois navios, Braz de Souza comanda 23 militares, de dez outras nações, na base americana localizada no Bahrein. Ele se reporta ao chefe da CMF, um almirante dos Estados Unidos, assim como um outro oficial de ligação brasileiro no local. A CTF-151 já foi liderada por 16 países, e existe desde 2009, ano de intensa atividade de pirataria. Um dos casos ocorridos naquele ano foi o sequestro do navio do capitão Richard Phillips, que virou filme em 2013. “O fato de o Brasil liderar pe-

uma das embarcações da CTF-151, hoje uma japonesa e outra sul-coreana, ou ainda contra um cargueiro próximo delas, elas são livres para abatê-las. Além dos riscos inerentes à guerra, Braz de Souza deverá ter trabalho extra. “Nos anos mais recentes, ilícitos como tráfico de drogas, de armas e de seres humanos vinham sendo mais frequentes do que a pirataria, que, de um modo geral, encontrava-se suprimida na área de operações da CTF-151”, conta. “Porém, a partir do início do corrente conflito no Oriente Médio, têm sido verificados diversos incidentes de pirataria, não apenas nas proximidades da costa da Somália, mas também em locais situados a mais de 1.000 km dessa região, no mar Arábico”, relata o militar. O caso mais recente ocorreu perto da costa da Somália, numa ação da Marinha indiana. Os próprios houthis sequestraram um cargueiro em novembro passado, em uma ação ousada e inédita em que empregaram um helicóptero com tropas. Além dos dois navios, Braz de Souza comanda 23 militares, de dez outras nações, na base americana localizada no Bahrein. Ele se reporta ao chefe da CMF, um almirante dos Estados Unidos, assim como um outro oficial de ligação brasileiro no local. A CTF-151 já foi liderada por 16 países, e existe desde 2009, ano de intensa atividade de pirataria. Um dos casos ocorridos naquele ano foi o sequestro do navio do capitão Richard Phillips, que virou filme em 2013. “O fato de o Brasil liderar pe-

A Força Marítima Combinada

Brasil lidera 1 das 5 forças-tarefas

O que é Criada em 2001, a CMF (Força Marítima Combinada, na sigla inglesa) visa a coibir pirataria, terrorismo e outros crimes na região do mar Vermelho e adjacências. Sua sede é no Bahrein

41 países participam do grupo

Quem comanda O comandante é um almirante de três estrelas dos EUA



Forças-tarefas São cinco (CTF, Força-Tarefa Combinada, na sigla inglesa), cada uma com uma função, mas todas podendo operar umas com as outras. Os comandos são rotativos

CTF-150 Segurança marítima no entorno do golfo Pérsico - CANADÁ

CTF-151 Antipirataria no mar Vermelho e golfo de Aden - BRASIL

CTF-152 Segurança marítima no golfo Pérsico - ARÁBIA SAUDITA

CTF-153 Segurança marítima no mar Vermelho - EUA

CTF-154 Treinamento de segurança marítima (toda região) - JORDÂNIA

Fonte: CMF

la terceira vez, após ter exercido, por alguns anos, o comando da Força-Tarefa Marítima da Unifil (missão da ONU no Líbano), demonstra a continuidade do reconhecimento internacional da Marinha do Brasil como uma força capaz, conciliadora e confiável”, diz o almirante. O Brasil, contudo, não está presente com navios. A Marinha está em um momento de transição, com sua frota de embarcações com capacidade de operar a longa distância

degradada. O fim da liderança na força da Unifil, em 2020, teve a ver com essa indisponibilidade de meios e um foco renovado no Atlântico Sul. O país tem à disposição sete fragatas, navios usualmente empregado nessas missões, com graus variados de condições operacionais. A Força aposta nos novos navios do tipo, a classe Tamandaré, cuja primeira das quatro unidades prevista deve ir ao mar em 2025. O programa consumiu cerca de R\$ 5,3 bilhões, já corrigidos, de 2021 para cá, segundo o sistema de acompanhamento orçamentário do Senado. Os dois navios da CTF-151 transportam helicópteros, e o Japão tem uma aeronave de reconhecimento na região. As operações são flexíveis. “Meios de outras forças-tarefa, bem como de outros atores, como a operação naval europeia Atalanta, podem atuar em apoio quando há disponibilidade”, afirma o militar. Países como a China também operam na área. Para o Brasil, é uma oportunidade de agir em conjunto com outras Marinhas, mais acostumadas com ambientes difíceis. “Um bom desempenho pode contribuir para a dissuasão de iniciativas hostis contra o Brasil”, particularmente a pirataria, diz o almirante. A função de patrulha de segurança marítima da CFM na área do mar Vermelho está a cargo de outra força-tarefa, a CTF-153, hoje sob comando dos EUA. Ela age, segundo Braz de Souza, em coordenação com a Operação Guardiã da Prosperidade, criada pelos americanos para lidar com a ameaça houthi. O grupo pró-Irã apoia o Hamas na guerra e tentou atacar sem sucesso o sul de Israel algumas vezes. A partir de novembro, direcionou seus esforços contra navios mercantes que diz serem ligados ao Estado judeu. A interrupção do tráfego numa área que concentra 15% do comércio marítimo do mundo levou à intervenção internacional. Com o bombardeio de posições houthis pelos EUA e pelo Reino Unido, os rebeldes passaram a mirar diretamente também as embarcações militares dessas nações.



Volodimir Zelenski, presidente da Ucrânia, entrega medalhas a militares em visita a uma frente de batalha em Zaporíjia, no sul

Bombardeio a cidade ocupada na Ucrânia deixa 28 mortos, diz Rússia

GUERRA DA UCRÂNIA MOSCÚ|REUTERS A menos 28 pessoas, incluindo nove mulheres e uma criança, morreram em um bombardeio que atingiu uma padaria em Lisitchansk, cidade sob controle russo em Lugansk, no leste da Ucrânia, no sábado (3). O Ministério de Emergências de Moscou disse que dez pessoas foram retiradas dos escombros com vida, enquanto outras quatro estavam em “estado extremamente grave”. Kiev não comentou o ataque.

Autoridades locais ligadas ao Kremlin atribuíram a ofensiva às forças ucranianas. Segundo os russos, o local, que no momento do ataque estaria lotado de civis, foi atingido por armamentos fornecidos pelos Estados Unidos, o sistema Himars especificamente. A reportagem não pôde verificar a informação. A porta-voz da chancelaria russa Maria Zakharova usou as suspeitas do uso de artefatos americanos para dizer que o Ocidente deveria re-

pensar seu apoio financeiro ao esforço de guerra de Volodimir Zelenski. “Os cidadãos da União Europeia (UE) devem saber como seus impostos são usados: para comprar sistemas de armas letais e enviá-los a Kiev, que os usa para matar civis”, disse ela. Zakharova aparentemente fazia referência à aprovação, pela UE, de um pacote de 50 bilhões de euros (R\$ 267 bilhões na cotação atual) em ajuda financeira para o país invadido, ocorrida

na quinta-feira (1º). Foi a primeira boa notícia para Zelenski em meses — em dezembro, o Congresso dos EUA rejeitou proposta de um auxílio de US\$ 61 bilhões (R\$ 302 bilhões hoje) para Kiev em 2024. Em janeiro, a Casa Branca anunciou que não tinha mais como encaminhar fundos ou enviar ajuda militar direta, por meio de transferência de armamentos. O governo russo assumiu o controle de partes do leste da Ucrânia depois que o presidente Vladimir Putin ordenou, quase dois anos atrás, uma invasão ao país vizinho, desencadeando a maior guerra terrestre na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.



A Rússia hoje ocupa cerca de 18% do território ucraniano —pedaço este que ela considera seu, sobretudo depois de organizar um plebiscito de anexação das áreas consideradas ilegais pela maior parte da comunidade internacional. Embora a Ucrânia tenha retomado uma parte do território das forças russas em 2022, sua contraofensiva de 2023 não conseguiu avançar de forma significativa, e há um debate entre os aliados de Kiev no Ocidente sobre que estratégias o país do Leste Europeu deveria adotar agora. No último mês, as forças russas conquistaram 140 km² de território ucraniano, de acordo com o Centro Belfer, administrado pela escola de políticas públicas da Universidade de Harvard, nos EUA. No domingo (4), Zelenski visitou tropas ucranianas na em Robotine, em Zaporíjia, no sudeste, e distribuiu medalhas a elas. A vila, localizada praticamente em uma das frentes de batalha, foi uma das poucas a serem libertadas na contraofensiva do ano passado. A cerimônia se deu em meio a intensas especulações de que seu popular chefe do Exército, o general Valeri Zaluzni, poderia ser demitido em breve. Na sexta (2), duas pessoas disseram que o governo ucraniano havia informado a Casa Branca de planos nesse sentido. Questionado sobre o tema pela RAI, emissora italiana, em entrevista transmitida neste domingo, Zelenski disse estar considerando substituir vários funcionários de alto escalão, não só no setor militar. “É uma questão de quem liderará a Ucrânia”, disse ele.